

## Um projecto de arqueologia “social” em Mombeja (Beja)

Eduardo Porfírio e Miguel Serra<sup>1</sup>

### RESUMO:

No âmbito do projecto “A transição Bronze Final / I<sup>a</sup> Idade do Ferro no Sul de Portugal: o caso do Outeiro do Circo”, decorrido entre 2008 e 2011, foi desenvolvida e aprofundada uma componente que interrelaciona o projecto com a sociedade local. Esta área de actuação pretende corresponder às perspectivas dos signatários e da Palimpsesto Lda. que encaram este projecto e a actividade arqueológica em geral, desde um ponto de vista social, com implicações para o desenvolvimento local e regional.

Esta vertente pretende ampliar as áreas de actuação do projecto, difundindo os resultados obtidos na frente científica através de um programa sistematizado de acções de divulgação destinadas a um público mais vasto, tendo como prioridade principal as populações locais e regionais. Paralelamente pretende-se consolidar

e legitimar o projecto “Outeiro do Circo” junto da comunidade.

As actividades desenvolvidas podem também entender-se como compensações oferecidas aos principais financiadores do projecto - excluindo a Palimpsesto Lda., as restantes, Câmara Municipal de Beja e Junta de Freguesia de Mombeja são entidades públicas - contribuindo para reverter aos cidadãos/contribuintes parte do investimento financeiro implicado no apoio ao projecto. Este retorno materializa-se numa série de novos valores que interrelacionam a produção científica, a divulgação cultural e a dinamização da comunidade local, factores que consideramos preponderantes para consolidar um projecto cultural que se pretende inscrito na longa duração.

### ABSTRACT:

During the course of the “A transição Bronze Final / I<sup>a</sup> Idade do Ferro no Sul de Portugal: o caso do Outeiro do Circo” (The Late Bronze Age/1st Iron Age transition in the south of Portugal: the case of Outeiro do Circo)

project, currently being carried out, we have also been developing an heritage education component. This reflects the beliefs of both the authors and Palimpsesto Lda, that see this project in particular and archaeological

1 - Palimpsesto, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. E-mails: [eduardoporfirio@palimpsesto.pt](mailto:eduardoporfirio@palimpsesto.pt) / [miguelserra@palimpsesto.pt](mailto:miguelserra@palimpsesto.pt)

activity in general, from a social point of view, with clear implications in the development of the local and regional sphere.

The main aim of this cultural heritage education component is to widen the actuation areas of the project, using a language adequate to various audiences. It also aims to consolidate and legitimize the “Outeiro do Circo” project in the local and regional community, through giving back information campaigns appropriately systematized in a continuous programme.

The activities developed can also be understood as a counterpart to the main financial supporters/backers of the project (with the exception of Palimpsesto Lda, the others, Câmara Municipal de Beja and Junta de Freguesia de Mombeja are public entities) contributing to give something back to the citizens/tax payers.

This return is materialised in a series of new values related to scientific production, cultural spread and dinamization of the local community, paramount elements to consolidate a long span cultural project.

## INTRODUÇÃO

O projecto “A transição do Bronze Final/Ferro Inicial no Sul de Portugal – o caso do Outeiro do Circo”<sup>2</sup> foi desde o início concebido em função de três eixos interactuantes, o científico, o patrimonial e o público/social que correspondem efectivamente a três grande áreas de actuação com objectivos e planos de actividades específicos (Serra, 2007).

Neste trabalho pretende-se descrever e dar destaque às acções da componente pública/social realizadas ao longo do triénio de 2008 – 2010. A designação utilizada para nomear esta vertente do projecto parte da expressão *public archaeology* muito em voga nos contextos anglo-saxónicos para descrever as interacções de vários níveis que se estabelecem entre o arqueólogo e a sociedade (Merriman, 2004). A participação directa do público nos trabalhos de arqueologia reduziu-se em função da crescente e desejada profissionalização da arqueologia. Muito embora não se preconize um regresso ao passado, pretende-se ensaiar uma envolvência maior e mais directa da população local com o Projecto Outeiro do Circo. Por outro lado, a utilização do termo *social* que associado a *público* parece ser redundante - não fora a dificuldade em definir conceptualmente este último, o que levou alguns autores a preferirem conceitos alternativos de carácter mais abstractizante (AAVV, 2004: 9); decorre precisamente desta vontade de reforçar o espaço de participação da comunidade neste projecto de arqueologia.

Partindo destes pressupostos, o objectivo principal da vertente pública/social pretendia estimular o

envolvimento da comunidade local nas diversas actividades do projecto, nomeadamente durante as fases de prospecção e escavação arqueológica. A opção por esta estratégia de actuação pretendia evitar que as actividades de investigação científica decorressem totalmente desligadas da comunidade local, com a qual compartilha a área de actuação. O território de estudo dos arqueólogos é-o também, dos caçadores, dos pastores e principalmente dos agricultores que intervêm com maior ou menor profundidade na construção da paisagem, contribuindo também para que o solo e o subsolo se constituam em autênticos “... repositórios de uma experiência acumulada” (Jorge, 2000: 107). Esta situação, é particularmente evidente no caso do Outeiro do Circo, onde a secular interacção da comunidade local com os vestígios arqueológicos, resultou por exemplo, na preservação da linha de taludes das muralhas através da acumulação de pedra proveniente da limpeza do terreno; ou ainda, na criação e materialização de um novo parcelário no espaço interno do povoado.

A estratégia adoptada possibilitou a concepção de um projecto de investigação científica interessado na criação de pontos de contacto com a comunidade local, de modo a inserir-se na sua vivência e a reaproveitar o seu conhecimento sobre a região. Assim, todo o projecto foi estruturado segundo uma noção de património cultural abrangente e dinâmica, fortemente empenhado em contribuir para o desenvolvimento regional, através da investigação e divulgação do património arqueológico local.

2 - Por forma a evitar repetições desnecessárias e entediantes, não foi considerado oportuno inserir neste texto um tópico dedicado à contextualização e enquadramento do projecto “A transição Bronze Final / I<sup>a</sup> Idade do Ferro no Sul de Portugal: o caso do Outeiro do Circo”, pp 135-150. Ainda para mais quando neste volume de actas consta também um texto onde essas questões são devidamente abordadas (Cf. O Bronze Final nos “Barros de Beja”. Novas perspectivas de investigação). Informações adicionais poderão também ser encontradas no blogue: [www.outeirodocirco.blogspot.com](http://www.outeirodocirco.blogspot.com).

Várias instituições e acordos internacionais reconhecem que divulgar e dar a conhecer o património de uma forma estruturada e numa linguagem adaptada ao público-alvo, é uma componente fundamental para a preservação futura desse mesmo património. Deste modo, a divulgação é fulcral para a protecção e qualificação do património arqueológico, não se podendo proteger aquilo que se desconhece (ICOMOS, 1990; Conselho da Europa, 1992; Martín e Sivan, 2010).

Muito embora a máxima: só se pode proteger aquilo que se conhece, se tenha convertido num verdadeiro lugar-comum, dando o mote a muitos projectos dedicados à protecção e salvaguarda patrimonial, a verdade é que está muito por fazer nesta área, por exemplo no que concerne à consciencialização dos cidadãos para o papel activo que devem adoptar na protecção do património cultural, conforme estipula a legislação portuguesa (Lei 107/2001 de 8 de Setembro).

Para aumentar a mobilização e o envolvimento dos cidadãos na defesa do património, para que o entendam também como seu, será necessário mais do que um programa de intenções mandatado superiormente por via institucional (Jorge, 2000: 111). O maior incentivo para estimular a cooperação dos diferentes sectores sociais, deverá ser procurado por exemplo, nas mais-valias que o património cultural representa para o desenvolvimento local.

A importância do contributo patrimonial para o desenvolvimento regional, é largamente reconhecida e valorizada, ao ponto de se ter convertido num chavão frequentemente utilizado em discursos de índole científica ou política. Apesar dos conceitos perderem operacionalidade proporcionalmente ao ritmo a que vão sendo utilizados e abusados, neste caso específico nunca será demais reafirmar a importância do património enquanto factor de atracção de visitantes e contribuinte efectivo para a economia local.

O contexto actual do país ao mesmo tempo que favorece o aumento do ritmo a que as instituições públicas vão abandonando as povoações mais afastadas do litoral, confere também maior importância à questão patrimonial que poderá constituir-se num último reduto defensivo, contrariando e combatendo a perspectiva de abandono que se abate sobre grandes parcelas do território nacional. A esmagadora maioria das povoações do interior português caracteriza-se por uma enorme riqueza patrimonial, que pode ser potenciada economicamente através da sua conciliação com outros

elementos históricos e geográficos individualizadores de cada localidade. Deste modo, é possível valorizar uma povoação ou região por via do seu património cultural, que lhes confere um determinado carácter de autenticidade, possibilitando a sua diferenciação relativamente às restantes comunidades (Jorge, 2003: 153).

Trata-se de encarar o património segundo uma dupla perspectiva, como legado e como recurso. Em primeiro lugar, legado ou herança (neste sentido é muito esclarecedora a utilização do termo *heritage* no universo anglo-saxónico) porque se trata de algo que recebemos daqueles que nos antecederam, o qual nos incumbe igualmente proteger e transmitir (Jorge, 1998: 59). Este legado não pode ser encarado de um modo passivo, só uma atitude proactiva o converterá em recurso para o conhecimento científico do passado, possibilitando posteriormente a sua utilização no âmbito turístico (Alarcão, 1998: 54). Relativamente ao património arqueológico, a exploração deste legado que em grande medida permanece sujacente e oculto encontra-se grandemente dependente da promoção da actividade científica. A investigação arqueológica pode contribuir para a criação de uma oferta cultural com personalidade, regionalmente diferenciada e potencialmente única, acabando por proporcionar experiências inéditas ao visitante, contribuindo assim para a divulgação do conhecimento sem desvirtuar a componente científica e cultural (Turismo de Portugal, 2007).

Por outro lado, a perspectiva arqueológica que privilegia o estudo das dinâmicas na longa duração permite uma abordagem problematizante aos sítios arqueológicos e aos territórios envolventes, questionando estas realidades a partir da sua configuração actual, hipotetizando sobre a sua caracterização no passado. Pretende-se que o sítio arqueológico em estudo seja um lugar que possibilite reflectir não só sobre o tempo e sobre o passado, mas acima de tudo sobre a vivência humana num território específico ao longo do tempo, contribuindo para manter o sítio enraizado nas vivências da comunidade, mantendo-o de algum modo nas proximidades da condição de lugar (Jorge, 1998: 55).

Materializar e dar consequência prática a estes pressupostos teóricos não é tarefa única e exclusiva do arqueólogo, pressupõe desde logo trabalhar em conjunto e compartilhar o protagonismo com diversos organismos da comunidade local, regional e nacional, desde escolas, associações, juntas de freguesia, câmaras e demais

serviços municipais e estatais, assim como com os vários profissionais que neles desenvolvem a sua actividade (Peralta e Anico, 2006: 4). Implica entrar em contacto com outras áreas de actuação de âmbito científico, cultural e até político com planificações e objectivos próprios, que se reflectem num quadro de referência que pode não ser inteiramente coincidente com os de um projecto de arqueologia. Apesar destas diferenças programáticas, o arqueólogo enquanto responsável pela elaboração e execução de projectos patrimoniais destinados a actuar sobre um determinado território, converte-se num agente que intervém directamente na activação de património (Peralta e Anico, 2006: 197).

Em consequência desta atitude o arqueólogo como elemento que trabalha directamente no terreno, como

concedor privilegiado do contexto local, deve participar igualmente na gestão do património sobre o qual intervém, não devendo descartar essa responsabilidade exclusivamente para os restantes técnicos e instituições. Deste modo, as actividades desenvolvidas na vertente pública/social do projecto Outeiro do Circo foram concebidas, planificadas e executadas em conjunto com entidades locais de índole diversa, desde associações de jovens, à juntas de freguesia, à câmara municipal e organismos delas dependentes. Procurou-se que o cumprimento dos nossos objectivos coincidisse de algum modo com os planos de actividade das várias instituições, o que perante algumas incompatibilidades, exigiu principalmente trabalho extraordinário e criatividade na elaboração de novas soluções.

## **CONCRETIZANDO A VERTENTE PÚBLICA/SOCIAL DE UM PROJECTO DE ARQUEOLOGIA:**

Nos dois primeiros anos de projecto (2008/2009), antes que tudo, foi necessário investir para reafirmar localmente a mais-valia histórica e patrimonial do Outeiro do Circo, procurando-se contrariar a perspectiva de descuido que rodeia os sítios arqueológicos não classificados. Um contributo importante para tentar reverter aquela tendência, foi a divulgação junto da população local dos motivos de interesse que a comunidade científica nacional e internacional tem dedicado ao povoado. Este elemento influiu positivamente sobre a percepção que os habitantes da área de influência do projecto detinham sobre o sítio arqueológico, funcionando o capital de prestígio das instituições científicas envolvidas como instrumento adicional na certificação da importância patrimonial do Outeiro do Circo.

O processo de divulgação comportou inicialmente a concepção de uma página no *Facebook* e um blogue,

alojado em [www.outeirodocirco.blogspot.com](http://www.outeirodocirco.blogspot.com), para divulgar informação relacionada com o projecto num espectro espacial e social mais vasto que o da região.

No entanto, grande parte do programa de divulgação privilegiou essencialmente a escala da freguesia e do concelho, contemplando a produção de notas e pequenos artigos para a imprensa regional e local, bem como, a concepção e dinamização de uma campanha intitulada “Visite-nos ou Junte-se a nós”. Esta acção apelava por um lado à participação voluntária nas escavações arqueológicas, por outro, convidava a população a realizar visitas aos trabalhos arqueológicos que seriam guiadas por um dos responsáveis. O sucesso desta última iniciativa materializou-se num índice de participação bastante razoável, contabilizando-se cento e vinte visitantes em dois meses de campanhas de escavação.



Fig. 1 – Habitantes de Mombeja em visita guiada às escavações do Outeiro do Circo.



Fig. 2 – Participante na campanha “Visite-nos ou Junte-se a nós”.

Nogeral, procurou-se que estas accções constituíssem para os participantes uma actividade lúdica interessante, complementada *in loco* com uma componente formativa dedicada à caracterização do povoado, do seu território e do respectivo contexto histórico-cultural. Esta formação materializou-se não só na visita aos trabalhos arqueológicos, mas principalmente na observação da paisagem envolvente a partir do ponto mais alto do Outeiro do Circo. Paralelamente foram sendo abordados não só os objectivos e as diversas fases do projecto Outeiro do Circo, mas também, uma série de pressupostos relativos ao processo de investigação e interpretação em arqueologia.

As repercuções positivas e o interesse demonstrado pelos participantes nas actividades entretanto realizadas foram determinantes para a realização de uma nova fase de actuação, conceptualmente mais aprofundada, assumindo as características de um projecto de educação patrimonial.

A planificação foi desenvolvida por um dos signatários no âmbito do Mestrado - Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, daí resultando um documento que sistematiza e fundamenta as actividades programadas. Era importante contar com um discurso apelativo e com recursos didácticos, para construir uma narrativa a utilizar nas actividades de divulgação. Pretendia-se deste modo a tornar perceptível a importância e o contexto histórico do povoado do Outeiro do Circo sem recorrer constantemente aos termos técnicos.

Neste sentido, a inexistência de estruturas arqueológicas escavadas (referimo-nos à situação no final da segunda campanha de escavações em 2009) perceptíveis e conservadas, poderia constituir um óbice à inteligibilidade da importância científica do sítio devido à associação recorrente entre a preservação de elementos estruturais e relevância patrimonial. De facto, é muito comum a importância patrimonial de um local ser definida em função do seu grau de monumentalidade arquitectónica, o que se revela de aplicabilidade problemática ao caso do património arqueológico originando a sua menorização relativamente a outros monumentos (González Méndez, 1995).

No Outeiro do Circo, a principal estrutura arqueológica, a muralha, não estando propriamente a descoberto, também não se encontra totalmente imperceptível, permanece dissimulada mas acessível através de uma leitura atenta da morfologia do terreno.

As linhas de taludes correspondentes à fortificação evidenciam-se na micro-topografia local, constituindo uma forma fossilizada na paisagem. Uma forma que é possível desvelar e desvendar, desde que para tal se recorra ao chamado “olhar arqueológico” (Jorge, 2000: 96) e aos recursos mais apropriados, como a fotografia aérea.

Neste caso, a forma da muralha apercebida através da fotografia aérea e da visita ao local, transforma-se no elemento central e estruturador da narrativa que serve de base às visitas guiadas. Em paralelo funciona também como *exempla* do modo como os arqueólogos encaram a paisagem enquanto conjunto de elementos materiais resultantes de um processo histórico cumulativo, daí resultando uma maior ou menor visibilidade destas formas paisagísticas, cuja compreensão é acessível através de um programa de estudos arqueológicos (Jorge, 2000: 97).

Como complemento recorreu-se a alguns dos pressupostos da *arqueologia da paisagem*, explorando-se a centralidade que o Outeiro do Circo parece desempenhar em relação a um território envolvente com grandes potencialidades ao nível da obtenção de recursos metalúrgicos (proximidade à Faixa Piritosa), mas principalmente agrícolas. Alguma da cultura material recolhida no decorrer dos trabalhos arqueológicos (cerâmica, elementos de foice e de mós manuais, por exemplo), é utilizada para reforçar esta perspectiva que encontra correspondência directa no quotidiano de muitos dos participantes, ainda muito marcado pela relação com o mundo rural (González Méndez e Criado Boado, 2000: 56).

A exploração de temáticas que envolvem a paisagem e o território permite por outro lado, contrariar o carácter unidireccional que regula frequentemente a relação entre arqueólogo e público (González Marcén, 2010). As comunidades locais são uma fonte de informação insubstituível para o arqueólogo, visto serem elas que há várias gerações percorrem e trabalham o nosso território de estudo, contribuindo em maior ou menor grau para a alteração e consequente configuração da paisagem actual. No decurso desta interacção comunidade-meio as populações deparam-se, por vezes, com vestígios do passado que à falta de interlocutor e de actuação atempada acabam esquecidos ou destruídos.

No âmbito do projecto diligenciou-se no sentido de salvaguardar e rentabilizar cientificamente algum deste conhecimento, encetando estratégias de

colaboração que consistiram basicamente na recolha e registo exaustivos destas informações. Privilegiou-se a realização de inquéritos orais referentes à actividade agrícola e consequentes alterações topográficas no Outeiro do Circo e envolvências, mas também ao levantamento de notícias que indiciem a localização de novos sítios arqueológicos.

Procurou-se igualmente documentar para a área envolvente ao povoado as profundas alterações que a paisagem sofreu ao longo dos últimos dois séculos, com a transformação da charneca em montado e mais recentemente, com a passagem deste último ao regime do olival intensivo.



Fig. 3 – O montado, o olival intensivo e os últimos vestígios de charneca nas proximidades do Outeiro do Circo.

Ainda neste âmbito e procurando envolver mais activamente a população, lançou-se um apelo através do *Jornal de Mombeja* para a identificação de locais utilizados como barreiros, quer pelas oficinas locais de olaria, quer pelas unidades dedicadas à produção de tijolo e telha. O reconhecimento das áreas onde se explorou a argila, assim como a sua classificação segundo a categoria de utilização a que se destinava (produção de recipientes cerâmicos, utilização exclusiva para adobes ou para o fabrico de materiais de construção) contribuiu efectivamente para um melhor conhecimento sobre os recursos disponíveis no nosso território de estudo.

Com este desafio à população de Mombeja pretendia-se estimular a sua participação no processo de investigação, rentabilizando o seu conhecimento que afinal se revelou de importância crucial para a aquisição de alguns dados que numa segunda fase seriam validados pela equipa do projecto.

O conjunto de informações obtido através desta actividade resultou numa primeira fase, na recolha de várias amostras que foram posteriormente trabalhadas em laboratório, no âmbito da caracterização minero-tecnológica das cerâmicas e dos elementos de argila do sistema defensivo do povoado. Este trabalho da responsabilidade de Ana Osório, doutoranda na Universidade de Coimbra e colaboradora do projecto, apresentou os seus resultados preliminares nas *IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, realizadas em Faro nos dias 11 a 13 de Maio de 2011 (Osório *et al.* no prelo).

Ao longo do ano de 2010 diversificaram-se as áreas de actuação da vertente social do projecto, por forma a rentabilizar o investimento em tempo e recursos, através da realização de acções em articulação com outras entidades tais como: a Junta de Freguesia de Mombeja, a Associação Juvenil e Cultural de Mombeja

e a Biblioteca Municipal de Beja. Em conjunto com as duas primeiras instituições organizou-se um evento envolvendo os artesãos e artistas da freguesia, em que a participação do projecto se materializou numa pequena exposição constituída por cartazes, filmes e outro material de divulgação. O projecto Outeiro do Circo

apareceu associado à produção artesanal e artística de Mombeja, reunindo num mesmo local a maioria das principais potencialidades culturais e económicas da localidade, numa óptica que privilegiou uma concepção abrangente do conceito de património.



Fig. 4 – Evento organizado em conjunto com os artesãos e artistas de Mombeja.

De acordo com a planificação estabelecida era necessário alargar o âmbito espacial da divulgação, assim como trabalhar no sentido de aumentar a presença nos meios de comunicação social.

Deste modo, articulou-se com a Biblioteca Municipal de Beja a realização de uma palestra seguida de debate, dedicada fundamentalmente à apresentação

dos resultados de dois anos de trabalhos no Outeiro do Circo, contemplando a vertente científica e a social, no final realizou-se ainda uma antevisão das estratégias de investigação e actuação a seguir futuramente. Este evento foi antecedido de uma exposição com alguma da produção científica alusiva ao projecto, assim como de alguns artigos publicados na imprensa local e regional.



Fig. 5 – Exposição na Biblioteca de Beja.



Fig. 6 - Palestra na Biblioteca de Beja – Conversas com B de Beja.

A estratégia de divulgação do projecto nos meios de comunicação social ampliou-se igualmente, somando à imprensa regional, peças transmitidas pelas rádios locais e pela televisão. Neste último caso, a concepção de uma reportagem do programa *Portugal em Directo* da RTP,

resultou de um diálogo activo com os jornalistas para estruturar a reportagem de acordo com os objectivos do projecto e garantir a qualidade científica da informação.

A estrutura da reportagem foi concebida em dois grandes blocos com programa e objectivos específicos.

O primeiro, centrado no Outeiro do Circo foi totalmente dedicado à apresentação do povoado e dos resultados obtidos no decurso das várias campanhas de escavação. O segundo, filmado em Mombeja, destinava-se a dar a conhecer a perspectiva da população e das entidades políticas locais sobre a existência do projecto e o

decorrer dos trabalhos arqueológicos. A repercussão do repto lançado no final da reportagem, convidando à visita das escavações arqueológicas, materializou-se num incremento do número de visitantes que ascendeu a 80 durante o mês de Agosto de 2010.



Fig. 7 – “Portugal em Directo” de Mombeja.

Ao nível local iniciou-se uma colaboração mensal com o jornal da Associação Juvenil e Cultural de Mombeja, ao longo da qual foram sendo apresentados artigos dedicados ao projecto e às especificidades da investigação em arqueologia. Para divulgar o património

arqueológico da freguesia e paralelamente homenagear as personalidades e instituições responsáveis por esse trabalho, concebeu-se uma série de pequenos artigos intitulada *Viagens pela história da arqueologia de Mombeja*.



Fig. 8 - Jornal da Associação Juvenil e Cultural de Mombeja.

Para os próximos anos do projecto, estão já planeadas várias actividades, nomeadamente uma visita ao Museu Regional de Beja, e uma sessão de divulgação em Mombeja dedicada à apresentação

dos últimos desenvolvimentos do projecto e de vários trabalhos realizados pela Palimpsesto Lda. em vários sítios arqueológicos da freguesia.

## A ENCERRAR

Divulgar ao público as actividades desenvolvidas no âmbito de um projecto científico e o conhecimento produzido a partir dele, deve ser encarado quase como um requisito ético. Vivemos numa época marcada pela exigência de resultados em períodos temporais bastantere reduzidos, onde a actividade científica individualista e individualizada encontra poucas condições para prosperar, em contraste com o trabalho desenvolvido com base na colaboração e na equipa. Por outro lado, a sociedade que financia projectos científicos, tem vindo a exigir que o capital investido não se resuma unicamente a projectos de investigação dedicados exclusivamente à comunidade científica. Pelo contrário, é crescente a pressão para que dos projectos apoiados resultem consequências directas e visíveis para a comunidade.

Divulgar o conhecimento científico pode ser encarado como um processo que restitua à comunidade o capital que ela como um todo investiu em ciência. O retorno não tem, ou não deve ser encarado apenas do ponto de vista financeiro, devendo acima de tudo ser contabilizado pelo que determinado projecto científico “...conseguir revertir para a vivência social comunitária” (Valera, 2007: 53). À vivência da comunidade pode aproveitar não só uma melhoria palpável das suas condições de vida, mas também um incremento das capacidades intelectuais de uma parte da sociedade (Valera, 2008: 10).

Investidas neste relevante papel social deverá ser atribuída às actividades de divulgação uma maior atenção, elas devem ser estruturadas e planificadas, materializadas num documento que exija compromisso e possibilite uma avaliação no final do processo. Através de um projecto sistematizado torna-se possível em primeiro lugar, afastar a ideia de que se trata de acções desgarradas de uma linha programática realizadas ao sabor das oportunidades; em segundo lugar garante-se credibilidade junto das instituições financiadoras. Paralelamente é fornecido aos vários organismos interessados um documento que permitirá a integração de elementos do nosso programa nos seus planos de actividades, fomentando uma colaboração efectiva

entre os vários intervenientes no processo (Roselló Cerezuela, 2004). A partir do momento em que o processo de divulgação fica estruturado num documento, as actividades quando tomadas no seu todo, podem também entender-se como um quadro compensatório proposto aos principais financiadores do projecto, contribuindo para reverter aos cidadãos/contribuintes parte do investimento nele implicado.

A divulgação do conhecimento científico, para além da apresentação dos resultados propriamente ditos, também deve contemplar informação relativa ao processo de investigação e às condições efectivas em que actualmente se produz ciência. Deste modo, torna-se bem evidente o contraste existente entre as características do mundo científico contemporâneo e os pressupostos da “velha” ciência positivista que se encontra mais vulgarizada na nossa sociedade (Valera, 2008). No caso específico da actividade arqueológica, é frequente e sintomático do grande desconhecimento sobre a nossa actividade que ainda impera na sociedade, o facto da grande maioria das pessoas que participaram nas acções de divulgação associar a prática arqueológica à descoberta de ossos de dinossauros ou de tesouros, predominando claramente uma visão em que a “...arqueologia é sempre apresentada como uma sucessão miraculosa de descobertas”. (Jorge, 2000: 111). Esta imagética da arqueologia é verdadeiramente transversal às várias gerações que nos visitaram e que connosco colaboraram, sendo ainda responsável pela associação recorrente entre a prática detectorista e a actividade arqueológica.

Considerando este ponto de partida, torna-se mais difícil recuperar o entusiasmo inicial da audiência de uma visita às escavações do Outeiro do Circo assim que ela é colocada perante o cenário de uma escavação arqueológica, quando finalmente se apercebe do esforço físico e das várias horas de trabalho que são investidas no estudo de um sítio arqueológico quer em campo, quer posteriormente em gabinete ou em laboratório.

Por fim, quando após alguma actividade argumentativa se demonstra a inserção de pleno direito

da prática arqueológica no universo científico, verifica-se que não é tarefa simples desmistificar a concepção tradicional de ciência baseada quase inteiramente em pressupostos positivistas (Jorge, 2000: 109; Valera; 2008: 11). Foi necessário desenvolver estratégias de actuação e principalmente de comunicação para demonstrar que os arqueólogos não lidam com certezas absolutas, mas sim, com hipóteses que exigem trabalho e método para avaliar a sua adequação às questões que determinaram o aparecimento do projecto de investigação; hipóteses estas que no final podem perfeitamente ser reformuladas conduzindo a um processo aparentemente interminável.

Antes de concluir, seria interessante regressar inicialmente, pois se as três vertentes do projecto Outeiro do Circo, a científica, a patrimonial e a pública/social são intercomunicantes e interdependentes, isto significa obviamente que a actividade realizada numa acaba de algum modo por reflectir-se nas restantes. Assim, o trabalho de investigação desenvolvido no âmbito do projecto e os esforços investidos na vertente pública/social acabam por reflectir-se na área do património e consequentemente na questão das identidades locais (Valera, 2008; Peralta e Anico, 2006). Estas problemáticas pela complexidade a elas inerente não possibilitam uma abordagem no âmbito deste trabalho. No entanto, num projecto de arqueologia a componente da divulgação pressupõe desde logo lidar com elementos imbuídos de uma certa dimensão patrimonial (Valera: 2008: 10), temática à qual não nos podemos alhear. Deste modo, as questões inerentes à responsabilidade social do arqueólogo não se esgotam na reversibilidade à sociedade do investimento que ela realizou na investigação, influindo directamente no complexo processo de patrimonialização (Jorge, 2000: 101).

## **BIBLIOGRAFIA:**

AAVV (2004) – Os Públicos da Cultura. Actas do encontro organizado pelo Observatório das Actividades Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 24 e 25 de Novembro de 2003. Observatório das Actividades Culturais. Lisboa.

ALARÇÃO, Jorge de (1998) – Para quê conservar e como apresentar os vestígios do passado. *Al-madan*. 7, II série, pp. 53-57.

Sendo uma construção eminentemente social ou cultural, o património não é um título que se outorga para toda a eternidade, é antes uma categoria extremamente dinâmica caracterizada por uma (re)construção permanente, como tal encontra-se constantemente em risco: “*O Património é, assim, um conjunto de símbolos sacralizados que um colectivo decide preservar, não pela sua autenticidade, não pela sua ancestralidade, não pela sua genialidade, mas antes pelo facto de pertencerem a uma «externalidade cultural» que se radica, não no passado, mas no presente e que se projecta para o futuro*” (Santana e Prats citado em Peralta e Anico; 2006: 3). Esta definição de património que o relaciona directamente com as preocupações do presente e os anseios do futuro, aplica-se com bastante probidade ao património arqueológico não classificado, cuja defesa e valorização depende em grande medida dos projectos de investigação de arqueologia.

Os sítios arqueológicos existem por si subsistindo num processo dinâmico de encontro e desencontro com as comunidades, que geração após geração interactuam com o seu território. Como testemunho desta relação ficaram-nos contos, lendas, e histórias, que com maior ou menor fundo de realidade associam um determinado local a uma temporalidade específica. No entanto, se os sítios arqueológicos detêm uma vivência independente dos arqueólogos, já a construção historiográfica de todo esse percurso seja numa versão *never ending story* (em que o ciclo narrativo não se encerra definitivamente, deixando espaços vagos para a interpretação), seja numa estória de final trágico (caracterizada pela temática do abandono e destruição, tão ao gosto do fado português), depende em grande medida do empenho da nossa classe profissional em motivar a sociedade para a defesa do património arqueológico.

CONSELHO DA EUROPA, (1992) - Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico (revista), <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacao/patrimonio/>, (consultado em Outubro 2010).

CONSELHO DA EUROPA, (2005) - Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacao/patrimonio/>, (consultado em Outubro 2010).

- GONZÁLEZ MARCÉN, P. (2010) – La dimensión educativa de la arqueología. *Memorial Luis Siret - I Congreso de Prehistoria de Andalucía: La tutela del patrimonio prehistórico*, <http://www.memorialsiret.es/doc/SD-Gonzalez-Dimension-educativa-arqueologia.pdf> (consultado em Outubro 2010)
- GONZÁLEZ MÉNDEZ, M.; CRIADO BOADO, F. (2000) – La edad del hierro: de la investigación a la ilustración. Planteamientos y diseño del proyecto de recuperación del castro de Elviña. CAPA. 12, pp. 51-61.
- GONZÁLEZ MÉNDEZ, M. (1995) - La concepción de un proyecto de valorización social del patrimonio arqueológico. El plan de Toques como referente. *Archivo Español de Arqueología*. 68, pp. 225 – 241.
- ICOMOS (1990) - Charter for the protection and management of the archaeological heritage, [http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacao\\_sobre\\_patrimonio/](http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacao_sobre_patrimonio/), (consultado em Outubro 2010).
- JORGE, Vítor Oliveira (2000) – Arqueologia, Património e Cultura. Instituto Piaget. Lisboa.
- JORGE, Vítor Oliveira (2003) – Olhar o mundo como arqueólogo. Quarteto. Coimbra.
- JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1998) – Arqueologia, percursos e interrogações. ADECAP. Porto.
- MARTÍN, M. e SIVAN, Renée, (2010) - Patrimonio, turismo y rentabilidad sociocultural, *Memorial Luis Siret - I Congreso de Prehistoria de Andalucía: La tutela del patrimonio prehistórico*, <http://www.memorialsiret.es/doc/SD-Gonzalez-Dimension-educativa-arqueologia.pdf> (consultado em Outubro 2010).
- MERRIMAN, Nick (2004) – Public archaeology. Routledge. London. New York.
- OSÓRIO, Ana; SERRA, Miguel e PORFÍRIO, Eduardo (no prelo) – Material questions over a reddish layer in the Outeiro do Circo's wall slope (Beja, Portugal). Poster apresentado nas IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Faro 11 a 13 de Maio de 2011, <http://outeirodocirco.blogspot.com/2011/05/jia-2011-poster.html>.
- PERALTA, Elsa e ANICO, Marta (2006) – Patrimónios e Identidades, Ficções contemporâneas. Celta Editora. Oeiras.
- ROSELLÓ CEREZUELA, David (2004) – Diseño y evaluación de proyectos culturales. Ariel. Barcelona
- SERRA, Miguel (2007) – A transição Bronze Final/I<sup>a</sup> Idade do Ferro no Sul de Portugal. O caso do Outeiro do Circo (Beja). Projecto de Investigação (documento policopiado enviado ao Instituto Português de Arqueologia).
- TURISMO DE PORTUGAL (2007) – Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o desenvolvimento do turismo em Portugal. Ministério da Economia e Inovação. Lisboa.
- VALERA, António Carlos (2007) – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda). Município de Fornos de Algodres/Terra de Algodres. Fornos de Algodres.
- VALERA, António Carlos (2008) – A divulgação do conhecimento em arqueologia: reflexões em torno de fundamentos e experiências. *Praxis Archaeologica*. 3, pp. 9-23.